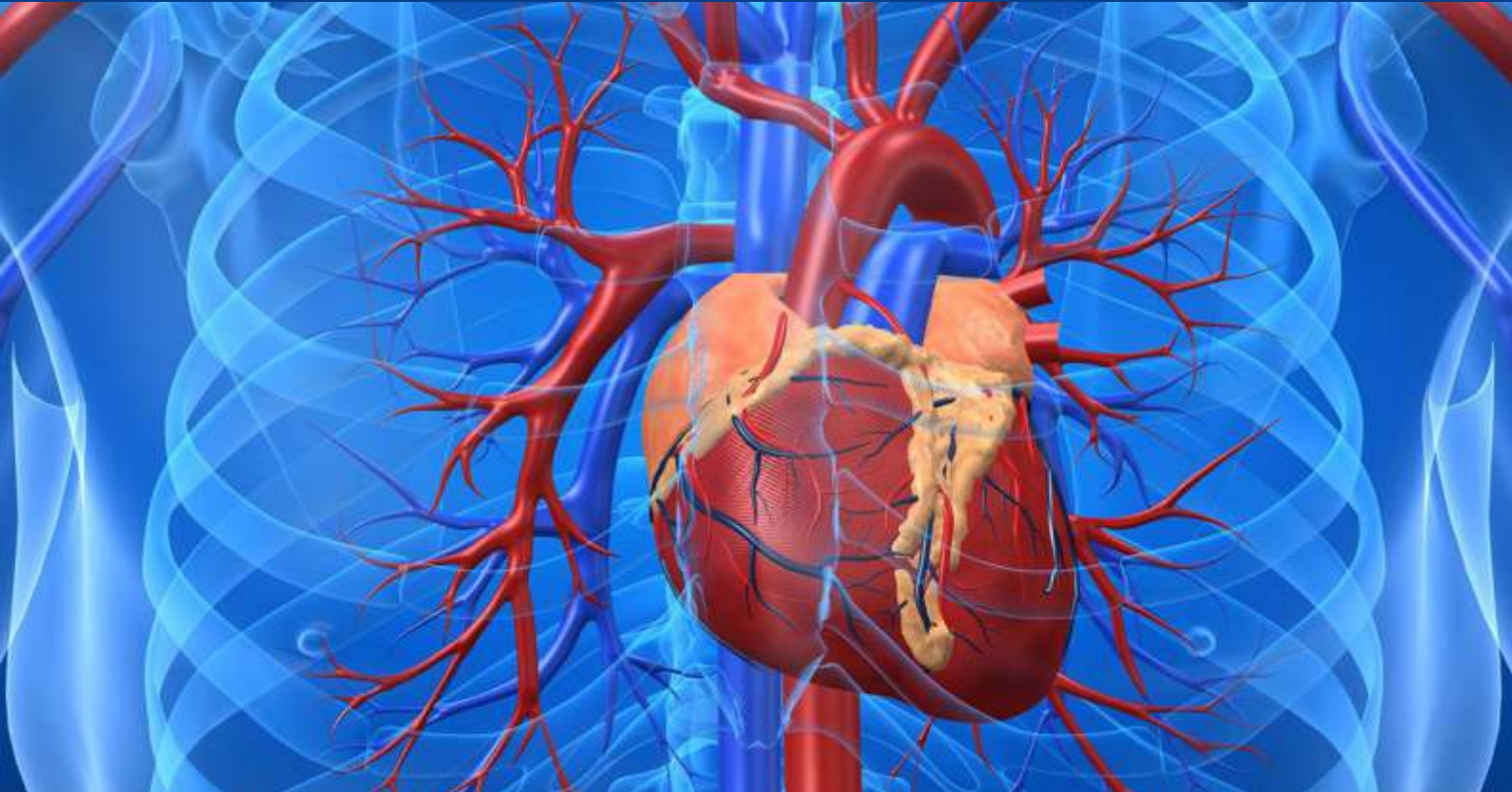


IN FOCO

Boletim Criogênese

Ano V Edição nº 56 Março de 2017

CÉLULAS-TRONCO REGENERAM CORAÇÃO COM INSUFICIÊNCIA GRAVE • NÚMERO DE DOENÇAS EMERGENTES QUADRUPLOU EM 60 ANOS
7 SINAIS DE CÂNCER DE COLO DO ÚTERO QUE AS MULHERES PRECISAM OBSERVAR • POLUIÇÃO ESTÁ ASSOCIADA À MORTE DE 1,7 MILHÃO DE CRIANÇAS



Células-Tronco regeneram coração com insuficiência grave

Pesquisa revela que tratamento reduziu em 37% número de mortes e internações

Uma nova possibilidade de tratamento com células-tronco pode dar esperança a quem sofre de insuficiência cardíaca grave, quando, muitas vezes, nem o transplante de coração é uma saída. O maior estudo já realizado sobre o tema foi apresentado no Colégio Americano de Cardiologia, nos EUA, e mostra que, ao longo de um ano, um tratamento feito com células-tronco retiradas da medula óssea do próprio paciente reduziu em 37% o número de mortes e hospitalizações, em comparação com um grupo de pessoas tratadas com placebo.

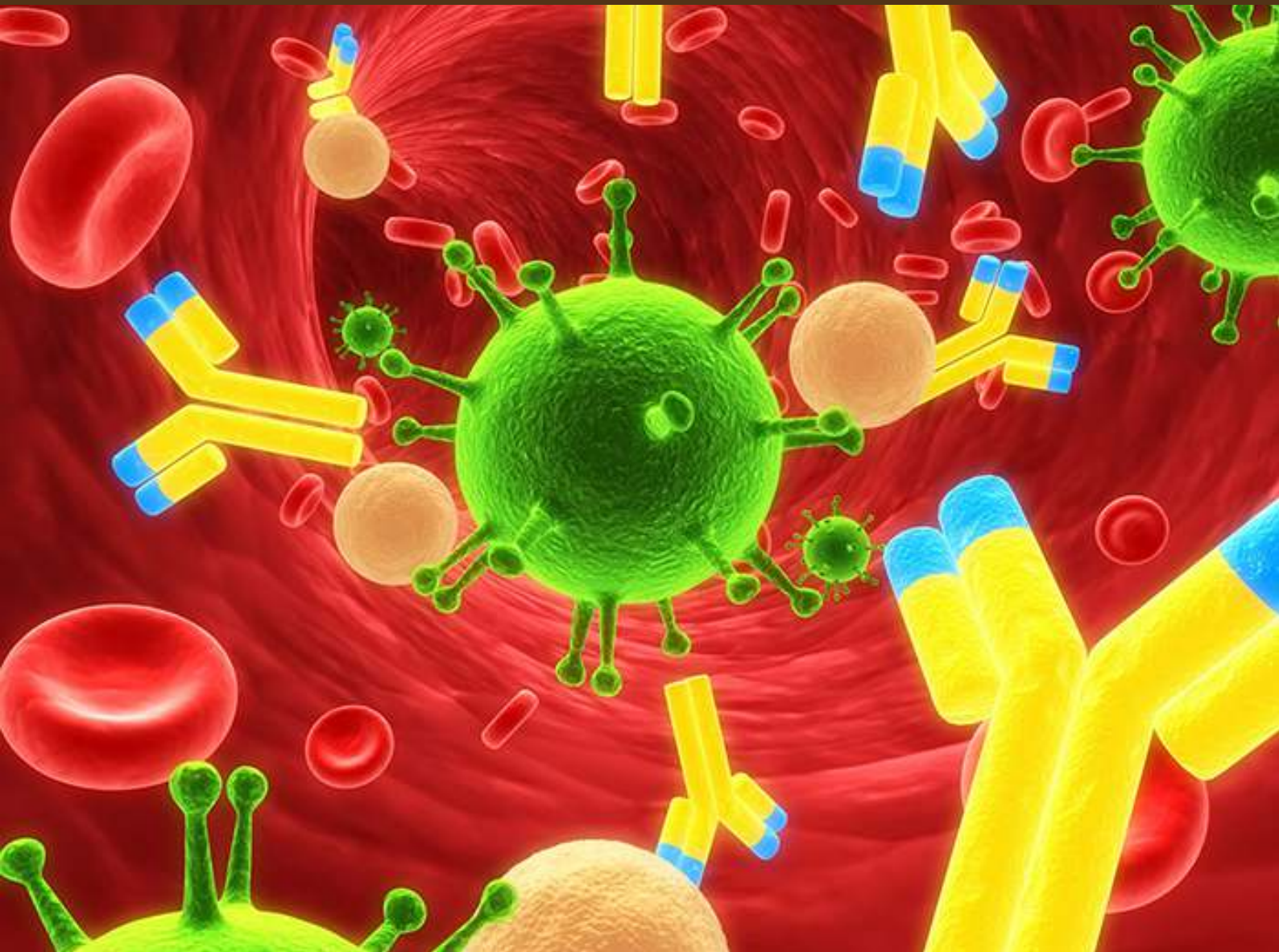
De acordo com, o principal autor da pesquisa, Amit Patel, diretor de Medicina Regenerativa Cardiovascular da Universidade de Utah, este é o primeiro ensaio de terapia celular que mostra como isso pode ter um impacto significativo na vida dos pacientes com insuficiência cardíaca. Nos últimos 15 anos, muitos têm falado sobre o que a terapia celular pode fazer, e agora os resultados sugerem que realmente funciona.

Os pesquisadores coletaram dois tipos de células-tronco da medula óssea: mesenquimais e macrófagos M2. Estas foram cultivadas e expandidas em laboratório e, depois, injetadas por meio de cateter — sem cirurgia — diretamente no coração de 60 pessoas com insuficiência cardíaca em fase terminal. Outros 66 pacientes foram tratados com placebo, sendo todos escolhidos de forma aleatória. O total de 126 participantes foi encontrado em 31 hospitais espalhados pelos Estados Unidos. Todos desenvolveram insuficiência a partir de doenças isquêmicas, como as que surgem após um infarto do miocárdio, por exemplo.

MENOS DE DUAS HORAS DE PROCEDIMENTO

Em média, o procedimento por cateter levou menos de duas horas, e os pacientes que não tiveram complicações receberam alta no dia seguinte. Além de um número menor de mortes nos 12 meses que se seguiram à injeção de células-tronco, o estudo indica uma redução na necessidade de assistência hospitalar. Entre os pacientes que não fizeram o tratamento, 82% precisaram ir ao hospital nesse mesmo período. Enquanto isso, apenas 51% dos que fizeram a terapia celular tiveram essa necessidade.

Fonte - Colégio Americano de Cardiologia EUA
oglobo.com



Número de doenças emergentes quadruplicou em 60 anos

Brasil lidera o ranking de novas enfermidades na América Latina, diz levantamento

Um levantamento realizado pela Aliança EcoHealth, organização sem fins lucrativos dedicada ao estudo de doenças emergentes, afirma que o surgimento de novas enfermidades quadruplicou nas últimas seis décadas. Vinte e sete foram identificadas na América Latina e no Caribe entre 1940 e 2013. O Brasil lidera o ranking — oito delas estão presentes no território nacional.

A cada ano, as doenças infecciosas provocam a morte de mais de 15 milhões de pessoas no mundo — a maioria das vítimas são crianças de menos de 6 anos de idade.

Entre as doenças infecciosas emergentes estão casos novos e outros já conhecidos pelos cientistas. Alguns deles são registrados pela primeira vez em determinado lugar. É o caso do vírus zika, que se espalhou pela América Latina em 2016 e levou a uma emergência de saúde global. Ele foi identificado pela primeira vez na Floresta de Zika, em Uganda em 1947. A novidade foi sua chegada e expansão pelo continente americano.

De fato, segundo um estudo da Universidade Brown (EUA), o número de surtos por ano quase triplicou desde a década de 1980. Segundo o levantamento, além da globalização, outros fatores devem ser considerados, como as mudanças climáticas, a resistência de micro-organismos a determinadas terapias e a falta de serviços básicos, como saneamento.

Embora haja um grande número de focos infecciosos que não podem ser evitados, a Universidade afirma que o principal desafio é evitar que sejam a origem de epidemias. Para isso, é importante que os governos invistam em prevenção e tratamento, assim como a colaboração da sociedade civil.

Fontes: Organização Aliança EcoHealth
Universidade Brown EUA
oglobo.com



7 sinais de câncer de colo do útero que as mulheres precisam observar

O câncer cervical ou de colo do útero é o segundo tipo de câncer que mais mata no mundo, perdendo apenas para o câncer de mama. Embora essa estatística seja assustadora, é um tipo de câncer que pode ser evitado. O HPV ou vírus do papiloma humano é altamente contagioso. É uma DST (Doença Sexualmente Transmissível) sendo esta a principal via de contágio. A mãe também pode infectar o filho durante o parto. Há relatos de transmissão pela mão, mas é raro.

O vírus também causa crescimento anormal de células na região algumas vezes chamada de verruga, crista de galo, figueira ou cavalo de crista.

Os sinais de câncer cervical não são tão evidentes como os de mama que podem ser percebidos pelo toque. Mas, existem maneiras de se prevenir observando-se os sinais. Procure imediatamente o ginecologista caso perceba: corrimento incomum, verrugas, dor ou sangramento, anemia, problemas urinários, dor contínua nas pernas, quadris ou costas e perda de peso.

Importante

Vale ressaltar que os mesmos sintomas podem significar outras coisas que não necessariamente o câncer cervical. Só o médico pode dar o diagnóstico. Atualmente há um programa de vacinação para meninas entre 9 e 11 anos de idade. As de 12 e 13 anos também devem ser vacinadas, caso ainda não foram. Segundo o Ministério da Saúde "a vacina tem maior eficácia se for administrada em adolescentes que ainda não foram expostas ao vírus, pois, nessa idade, há maior produção de anticorpos contra o HPV que estão incluídos na vacina."

Fontes: Dra. Helen Pitoli Bueno / ginecologista e obstétrica CRM 99.514
Ministério da Saúde



Poluição está associada à morte de 1,7 milhão de crianças todos os anos

Anualmente, 1,7 milhão de crianças com menos de cinco anos morrem no mundo devido a problemas ligados a poluição ambiental, afirmam dois estudos da OMS (Organização Mundial da Saúde).

O primeiro relatório, "Herdando um mundo sustentável: Atlas sobre a saúde das crianças e o meio ambiente", revela que boa parte das doenças mais comuns que matam crianças nessa faixa de idade – infecções respiratórias, malária e diarreia – pode ser prevenida com ações para reduzir os riscos ambientais, como acesso à água potável e ao saneamento básico.

O uso de combustíveis sólidos para cozinhar, como carvão ou até mesmo estrume, utilizado em áreas pobres, poluem o ar da casa e provocam doenças respiratórias, diz a organização com sede em Genebra, na Suíça.

No Brasil, as mortes de crianças com menos de cinco anos de idade caíram de 4,8%, em 2005, para 3% do total de óbitos no país em 2015, segundo a pesquisa Estatísticas do Registro Civil 2015, divulgada pelo IBGE em novembro passado.

Um dos elementos para o declínio da mortalidade infantil no Brasil, de acordo com o IBGE, é o aumento do número de domicílios com saneamento básico adequado (esgoto, água potável e coleta de lixo). Exposições nocivas causadas pela poluição ambiental podem começar no útero da mãe e aumentar os riscos de nascimentos prematuros, afirma a OMS.

Além disso, quando crianças são expostas à poluição do ar dentro e fora de casa e ao tabagismo passivo, há o aumento do risco de pneumonias na infância e de doenças crônicas, como a asma", diz o relatório. "Exposição ao ar poluído aumenta os riscos de doenças cardíacas, de acidente vascular cerebral e de câncer", destaca o documento.

No total, 5,9 milhões de crianças com menos de cinco anos morreram no mundo em 2015 (último dado levado em conta nos dois relatórios). De acordo com a organização, 26% dessas mortes podem ser atribuídas a fatores ambientais.

Fontes: Organização Mundial da Saúde
Pesquisa Estatísticas do Registro Civil 2015 (IBGE)